

NO CAMINHO DA HISTÓRIA COM CHEGADA AO SIGNO LINGUÍSTICO

Maria Lucia Loureiro Paulista

PG-UEMS/NEAD

RESUMO: Este artigo pretende-se fazer uma breve caminhada na História da Linguística até chegar à natureza do signo linguístico que ficou tão amplamente conhecida depois das descobertas dos estudos do corte Saussureano entre a língua e a fala. A linguística é o estudo científico da linguagem e só passou a ter um aporte de ciência em meados do século XIX, depois dos estudos de Ferdinand de Saussure, e a publicação póstuma feita por dois de seus alunos, com a colaboração de mais um, do Curso de Linguística Geral, que nos trouxe uma abordagem inovadora dos estudos da língua. E é justamente essas questões que abordar-se-á neste artigo a fim de explicar as fases pela qual passou a linguística.

Palavras – chave: Linguística. História. Signo. Saussure.

Introdução

Uma visão panorâmica dos estudos da linguagem para se chegar até o ponto da linguística ser conhecida como ciência passou por vários momentos na história das línguas naturais e marcam o advento do pensamento contemporâneo, refazendo caminhos das correntes linguísticas em seu multi desenvolvimento que exige um traçado orientador no eixo do tempo. Das marcas da história da linguística e a sequência dos processos de evolução dos princípios filosóficos que determinaram a visão dos caminhos e dos métodos, do desenvolvimento e a delimitação do objeto passamos pelo processo de constituição, e descoberta do objeto da ciência da língua recortada pelo Suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). Linguista que ministrou aulas na Universidade de Paris e de Genebra por mais de 20 anos.

Dos estudos dos pré-linguísticos, paralinguísticos com a fonética e fonologia e da Semântica do linguista Frances Michel Bréal com o estruturalismo de Saussure, estudaremos aqui a linguagem num relato histórico, não de fatos, mas de ideias com o cuidado de observar momentos da evolução do pensamento linguístico. Sua definição do signo linguístico foi a mais importante descoberta da história para definição de um objeto de estudo científico da língua.

Estudar a linguagem na comunidade humana é alvo trivial na sociedade desde os tempos dos gramáticos gregos e romanos. A busca pela compreensão dos textos escritos no passado traz uma motivação aos novos escritores para um mergulho imperativo na linguagem e comparações dessas formas obsoletas para

uma melhor compreensão dos traços que vão desvendar uma mensagem rica e variada de conhecimento linguístico. A visão de Matoso para as condições que favorecem o estudo da linguagem com o complexo desenvolvimento da sociedade nos mostra então que:

À proporção que a sociedade se desenvolve ela se torna mais complexa, a invenção da escrita faz com que o homem perceba a existência de formas linguísticas, à medida que eles tentam reduzir os sons da linguagem à modalidade escrita convencional. (MATOSO, 2011, p. 16).

O Linguista Matoso Câmara (2011) afirma que nova atitude social que surge com o desenvolvimento da linguagem faz com que o pensamento humano viva um novo jeito de desenvolver suas relações através do impacto social e cultural. Os fatores dessas mudanças vão desde a diferenciação de classes, que se caracteriza por uma marca de status que conserva a linguagem correta inalterada em seus contados e modos de falar dentro de uma mesma sociedade. Como por exemplo, o uso da gramática, ou do certo e do errado. O contato com comunidades estrangeiras que determinam e tentam forçar o uso da linguagem, revela um estudo de intercâmbio, ou estudo de língua estrangeira.

O estudo filológico da linguagem a partir dos gregos e também o estudo que surge a partir da ciência com seu sentido mais amplo, torna evidente a necessidade de se tomar a linguagem como instrumento eficiente do pensamento filosófico. Os estudos do desenvolvimento da ciência por sua vez, possibilitou a observação de características biológicas nos estudos da linguagem.

O estudo da linguagem como manifestação cultural da sociedade é visto como fato social que além de ser histórico tem a perspectiva no acontecimento histórico uma função da linguagem na comunicação social. A ciência que se constitui em torno dos fatos da língua passou a três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto. Os estudos da pré-linguística, da para-linguística e da linguística propriamente dita (MATOSO, 2011, p. 16-21).

Panorama Da História Da Língua

A sedução que a linguagem exerce sobre o homem é antiga, todavia nada mais é que um desenvolvimento contínuo. Por isso, que a linguística moderna não ignora os estudos pré-linguísticos e

paralinguísticos que tratam os aspectos filológicos, biológicos e filosóficos da linguagem. Na Antiguidade os estudos sobre a linguagem foram desenvolvidos na Índia e na Grécia (CÂMARA,2001, p.22).

Na Índia antiga, a necessidade de manter viva a pronúncia correta dos textos religiosos ancestrais levou à investigação da fonética articulatória. Segundo os estudos pré-linguísticos do linguista CÂMARA (2011, p. 22), a principal obra que consistia na descrição detalhada do Sânscrito por Pānini, que consiste em quatro mil estrofes ou “Sutras”, as quais relatam de maneira resumida e simbólica, os fenômenos linguísticos do sânscrito. É um tipo de tradição gramatical e, em si mesmo, muito obscuro que estabelece as bases da gramática normativa do sânscrito e os tratados Hindus que surgiram posteriormente e nada mais eram, que comentários sobre as “Sutras”, línguas escritas essencialmente para trabalhos religiosos e literários e para uso das classes superiores.

Na Grécia clássica a necessidade de um vocabulário técnico e conceitual para ser usado na análise lógica das proposições resultou num sistema das partes do discurso que acabou tendo um desenvolvimento que ultrapassou em muitos as exigências imediatas dos filósofos que primeiro sentiram a necessidades de tais categorias; marcam os estudos em que Câmara (2011, p. 23) nos apresenta em sua obra como estudos paralinguísticos e a principal abordagem destes estudos na Grécia foram feitos através da filosofia.

Podemos dizer que os principais estudos “paralinguísticos” começaram sobre o aspecto filosófico que inclui a linguagem como um de seus objetos de investigação. Seus principais estudiosos foram Platão que teve como principal trabalho o diálogo da famosa discussão com Crátilo (um filósofo da linha de Heráclito que retoma uma velha orientação sobre debates linguísticos abordados pela filosofia grega) e que se identifica com a linha de Heráclito que estudou a etimologia e prosseguiu tornando-se cada vez mais pleno de sutilezas e arbitrariedades. Segundo Câmara (2001, p. 24). Aristóteles desenvolveu uma teoria linguística baseada nas ideias de Demócrito onde acreditava que a linguagem surgiu por convenção ou acordo entre os homens, e são os que mais se interessaram pela teoria dos estudos da linguagem;

Na idade média, como nos mostra ainda a obra História da Linguística de Câmara (2001 p.30), a formação retórica em Roma para preservação dos textos religiosos no judaísmo e a difusão de novas religiões proleptistas como o cristianismo e o islamismo, estabeleceu as tradições literárias vernáculas nas várias nações que constituíram o império romano do passado com o esforço de conservar o latim puro como língua universal de cultura acima daquelas vernáculas.

No século XVI, encontramos as gramáticas das línguas modernas, que enfatizou os estudos do “certo e errado” através dos modelos dos tratados de Donato e Prisciano que eram ensinos da gramática latina. Porém, um fator conflitante entre o latim clássico e o latim vulgar, estimulou novos pontos de vista no que dizia respeito à correção do uso do latim. No século XVII, temos a orientação do auge da gramática com a Gramática de Port-Roual, de Lancelot e Arnaud.

Dos estudos da linguagem na idade média até os tempos modernos que compreende a meados do século XVIII, observamos um esforço para a manutenção da norma no latim clássico em face da língua popular no Império.

A linguagem no período do renascimento foi muito favorecida com o ressurgir do latim clássico como língua escrita e proporcionou um novo interesse do estudo normativo do grego. Já com um salto para o XVI em diante encontramos gramática das línguas modernas, combinando orientação lógica e intenção do certo e do errado chegamos ao advento da linguística mais sólida ou considerada ciência da linguagem propriamente dita.

Os conhecimentos linguísticos da primeira metade do século XIX, se depararam com o linguista Augusto Scheleicher, um estudioso das ciências naturais que se dedicou a botânica se aventurou na buscar de elevar os estudos linguísticos ao nível de uma nova ciência com rigorosas leis de desenvolvimento, e um desenvolvimento histórico, pois afirmava que a língua era vista como um organismo natural que nasce se desenvolve e morre (LEROY,1971, p.36-46). Para Scheleicher, cada língua, é produto da ação de um complexo de substância natural no cérebro e no aparelho fonador. Estudar uma língua é, portanto, uma abordagem indireta a este complexo de matérias. A classificação de árvore genealógica de Scheleicher é considerada hoje em dia como uma simplificação extrema do desenvolvimento linguístico do indo-europeu (CÂMARA, 2011, p.66). Sendo criticada pelo alemão Johannes Schimdt:

Em 1872, o alemão, Johannes Schimdt, criticou a árvore genealógica e propôs, no lugar dela, o que passou a chamar de teoria chamada “teoria da onda”, segundo a qual as diferentes mudanças linguísticas se difundirão, como ondas, a partir de um centro política, comercial ou culturalmente importante, ao longo das principais vias de comunicação, mas as sucessivas inovações não cobrirão necessariamente a mesma área de maneira exata. (WEEDWOOD, 2002, p. 122)

Passado pelos estudos gramáticos comparatistas (Gramática de Port – Royal), pelos movimentos neogramáticos, o advento da fonética passa para uma nova abordagem da linguística histórica e geográfica. A semântica de Bréal. A teoria das ondas. Atravessamos pela visão Saussuriana da linguagem, com suas dicotomias Língua/Fala, Sincronia/Diacronia, Paradigma/Sintagma, Significado/Significante.

Saussure

Nascido em 1857, no Castelo de Vufflens, localizado num distrito da cidade de Genebra, Suíça, Ferdinand de Saussure, filho de um importante naturalista, Henri Louis Frédéric de Saussure (1882-1905), cedo foi encaminhado para os estudos superiores de física e química na universidade local. Com 14 anos já estudava línguas como o Inglês, o Grego, Alemão, Frances e Sânscrito. Enquanto estudou Física e Química dedicou-se informalmente aos estudos de gramática grega e latina que o direcionou para os estudos de Celta e Indiano e por completar os estudos da Língua Europeias (LOPES, 1972 p. 72). A vida de Saussure foi relativamente curta, morreu com a idade de 56 anos, após lecionar o Curso de Linguística Geral por três anos consecutivos na Universidade de Genebra. Na universidade de Paris ele se restringiu ao estudo da gramática comparativa do indo europeu que estudara, principalmente na Universidade de Leipzig, pouco antes dos movimentos neogramáticos cujas figuras exponenciais eram colegas e amigos seus.

Para Saussure a organização interna da língua, adquire seu valor somente com relação aos outros elementos do sistema que ele pertence, por isso, é considerado guardião do essencial do seu pensamento. Segundo Orlandi, (2002, p. 22) a linguística ganha um objeto específico nos estudos da linguagem: a língua como um sistema de signos, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo. A união do significa mais o significante. Duas faces.

O Curso De Linguística Geral

O Curso de Linguística Geral é base dos estudos linguísticos modernos. Seus discípulos Charels Bally, Albert Sechehaye e a colaboração de Albert Riedlinge recolheram as anotações dos colegas e escreveram o livro Curso de Linguística Geral (CLG) 1916, que deu início aos estudos científicos da

linguagem, proporcionando aos estudiosos tanto um objeto, quanto um método para o estudo da língua (LOPES, 1972 p. 72).

Conforme Faraco (2011, p. 27), em contraste aos estudos históricos que predominaram o século anterior, os frutos do Curso de Linguística Geral só começaram a aparecer depois do Congresso Internacional de Linguística (HAIA, 1928), Primeiro Congresso dos Filólogos Eslovacos (PRAGA, 1929) e da Primeira Reunião Fonológica internacional (PRAGA, 1930).

Nele foram definidos pela primeira vez alguns conceitos chaves, embora não tenha sido escrito por Saussure, deu a ele reconhecimento como o fundador da ciência da linguística moderna e influenciou uma geração que viu nas suas noções as bases do estruturalismo. Para Saussure a organização interna da língua, adquire seu valor somente com relação aos outros elementos do sistema que ele pertence, por isso, é considerado guardião do essencial do seu pensamento.

O Signo Linguístico

Os sinais que o homem produz quando fala ou escreve são designados signos. Que na sua importância são fundamentos na representação do pensamento, e na elaboração da cultura, da identidade e determina seu lugar na realidade social e natural.

Segundo Orlandi, (2002, p. 22) a linguística ganha um objeto específico nos estudos da linguagem: a língua como um sistema de signos, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo. A união do significante mais o significado. Duas faces.

Para Saussure (SAUSSURE 2011, p. 17) a linguagem é a soma da língua mais a fala, pois a língua não se confunde com a linguagem é apenas uma parte determinada e essencial dela. Ponto primordial da definição Saussureana, sua definição foi um dos mais importantes aspectos para a construção epistemológica da linguística enquanto ciência.

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. O signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces. Os dois elementos estão unidos intimamente e um reclama o outro. O signo mesa, por exemplo, não se refere à mesa objeto no mundo, mas resulta na união



Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

entre o significado (o conceito) de mesa e o significante, isto é, a imagem acústica que evoca esse conceito (SAUSSURE, 2002, p. 80). O signo, assim, não une, pois uma palavra a uma coisa, mas um significante e um significado. Ao usar dos signos de uma língua, conseqüentemente se os acionam em meio a esse processo de atribuição de valores.

Saussure deu um ponto de partida que no principio esta a língua e essa língua tem um funcionamento. O signo linguístico assim definido exhibe suas características primordiais. A arbitrariedade do signo. O laço que une o significado e o significante é arbitrário, então podemos dizer que o signo linguístico é arbitrário. E também, a linearidade do significante. Sendo este de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha. Esses dois princípios serão desenvolvidos no eixo das relações sintagmáticas e de sincronia.

A teoria geral do valor do signo mostra ainda discordâncias com outras teorias, mas a ideia de Saussure que os signos linguísticos são arbitrários e convencionais; e quanto a concepção de língua como uma instituição social, vem em oposição à concepção da língua como organismo natural. Ou seja, a linguagem tem um lado social e outro individual indissociáveis como explica aqui Marcos Antonio Garcia:

Para Saussure a língua é um sistema supraindividual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. O entendimento saussureano é o de que a língua corresponde à parte essencial da linguagem e constitui um tesouro – um sistema gramatical – depositado virtualmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. Sua existência decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade. Daí seu caráter social. Para Saussure, o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua. (MARTELLOTA, 2008 Apud GARCIA, ano p.2013)

Essa ideia movimentou o mundo acadêmico e produziu o desenvolvimento dos estudos da linguagem das ciências humanas. Saussure foi responsável por sistematizar a língua e pelo famoso paradigma estruturalista, a língua é vista internamente onde o signo linguístico é a menor partícula do sistema. Essa forma de ver a língua é respeitada até hoje, ainda que os estudos de linguagem tenham expandido seu olhar sobre a maneira de estudar a língua.

Considerações Finais

Os estudos linguísticos não se confundem com o aprendizado de muitas línguas. E para descrever a língua o linguista precisa estar ciente dos seus princípios e de seus procedimentos. Os sistemas de signos usados para a comunicação precisava de um objeto para ser definir a língua como ciência. E ao longo da história podemos observar este aspecto tornou possível conceber uma ciência que estuda todo e qualquer sistema de signos. Com Saussure os estudos em linguísticos ganha um objeto específico, os signos convencionados, ele conceitua como um sistema de signos. A associação de um significado mais um significante.

Caminhando nos precursores da constituição da linguística observamos os movimentos do século XVII, marcado pelo racionalismo que produzem suas gramáticas gerais e racionais. No século XIX as gramáticas comparadas um momento marcado como gramática histórica, com perspectivas diferentes do século anterior chama a atenção para o fato das línguas se transformarem com o tempo, caráter mais filosófico. A descoberta das semelhanças das línguas indo-européias marca o período após a da conjugação da língua sânscrita, comparada ao grego, ao latim, ao persa e ao germânico. E a regularidade dos linguistas chamados neogramáticos que procuravam explicar a evolução através das leis fonéticas organizarem e identificar as formas das famílias das línguas, viés comparatista. Foi a partir da escrita simbólica que no século XIX se dá a contribuição decisiva para a construção da linguística como ciência.

Mas foi através da especificidade de um objeto que é ao mesmo tempo integral e concreto, que a linguística foi inaugurada como ciência de fato. Saussure sabia que não seria fácil essa tomada de posição, tanto que não chegou a escrever uma obra sobre sua teoria. Mas que a construção desse objeto reservava sobre o campo do conhecimento científico um recorte por vez, inimaginável para o linguista genebrino ficará ainda por mistério na história da linguística. A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja a língua aparece sempre como uma herança da época precedente (SAUSSURE, 1970, p. 85).

No que se refere à linguagem, dos estudos dos signos, devemos a Saussure o fio da meada, quando preconizou seu objeto considerando a língua como um sistema bem organizado, social em sua essência, formada pela união indissociável do significado e do significante, visada estruturalista. Suas contribuições elevaram os estudos da linguagem para o campo científico que temos até hoje, e que muito se tem ainda para ser estudado.



Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. [Trad.] Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- COSTA, Marcos Antonio. 2008. **Estruturalismo**. In: MARTELLOTA, et alli(Orgs) **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto.
- DUBOIS, Jean ET al. **Dicionário de Linguística**. 11 reimp. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. **Estudos pré-saussurianos**. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. V.3.
- LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. São Paulo, Cultrix, 1995.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo. Cultrix. 1972.
- ORLANDI, Eni P. **O que é linguística**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. De Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidro Blikstein. 24º Ed. São Paulo: Pensamento - Cultrix, 2002.
- WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. [Trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Párabola Editorial, 2002.